

SUMÁRIO

América Latina en la Geopolítica del Conocimiento. Una reflexión contra-hegemonica y decolonial

Fernando Estenssoro, Cristian Lorenzo

Pedagogias decoloniais no Brasil: um estudo sobre o estado da arte

Luiz Fernandes de Oliveira, Adelia Maria Miglievich Ribeiro

O pensamento de Aníbal Quijano e Enrique Dussel: crítica à Modernidade como aporte decolonial

Bernard Guedes Dariva, Cláudia Battestin, Bruno Huffel de Lima

Currículo intercultural e decolonial no cenário do ensino superior brasileiro e latino-americano

Sidinei Pithan da Silva, Vânia Lisa Fischer Cossetin, Ivo dos Santos Canabarro

Decolonialidade, ensino de história e educação das relações étnico-raciais

Andréia Teixeira dos Santos, Marizete Lucini

Teatro negro e atitude: a descolonização do corpo em performance

Lana Mara de Castro Siman, Camila Cristian Contão, Débora Maria de Souza Lana

Escola sem partido e raça: uma educação para a colonialidade?

Caio Garcia, Caroline Maciel, Pedro Teixeira

Desejo de brancura, insurgência e controle da narrativa: fotografia preta na pesquisa em educação

Alisson Ferreira Batista, Carla Beatriz Meinerz

Decolonialidade e antirracismo na formação de professoras/es: práticas de resistência negra

Patrícia Magalhães Pinheiro, Josiane Beloni de Paula

Narrativas e memórias de auxiliares de serviços gerais escolares na busca de relações outras

Maria Cecília Paladini Piazzza, Elison Antonio Paim



Possibilidades descoloniais nos currículos de licenciatura: a temática indígena na universidade

Maria Aparecida Bergamaschi, Edwin Alexander Canon-Buitrago, Gabriela Metz Schmidt

Povos indígenas e natureza contra a pandemia: algumas possibilidades factíveis

Maira Cristina Chena de Almeida, Clovis Antonio Brighenti

Uma fenomenologia da terra: imagens do campo em Deus e o Diabo na terra do sol

Avelino Aldo de Lima Neto, Maria Clara do Nascimento, Larissa Maia De Souza

O ainda não-colonizado como referência diversa ao relacionamento moderno com a terra

Thiago Rodrigues Gonçalves

Entrevista com Mário Mejía Huáman

Francisco Gárate Vergara



Apresentação

Interculturalidade e decolonialidade na América Latina: da insurgência a (re) existência.

A edição da Revista Cajuína traz neste volume de número xxxx, o Dossiê, **Interculturalidade e decolonialidade na América Latina: Da insurgência a (re) existência.** Socializa escritas e sentidos capazes de dialogar com a práxis decolonial na América Latina, contemplando autores de diferentes estados brasileiros e países da Abya Yala (América), a fim de ampliar a perspectiva da Colonialidade, Decolonialidade, Pedagogias decoloniais, Diversidades, Identidades e Interculturalidade, contextos que nos ajudam analisar conjunturas capazes de dialogar com experiências realizadas desde diferentes lugares de formação e reflexão.

Para iniciarmos nosso diálogo apresentamos uma pequena provocação de três estrofes da canção *Canción por la unidad de latinoamérica* de Pablo Milanés e Chico Buarque de Holanda.

E quem garante que a história
É carroça abandonada
Numa beira de estrada
Ou numa estação inglória

A história é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue

É um trem riscando trilhos
Abrindo novos espaços
Acenando muitos braços
Balançando nossos filhos

Nos propomos pensar por um lado a história do imobilismo e da separação e de outro a história de toda a nossa gente, deste outro lugar. Neste sentido, apresentamos alguns aspectos dessa história a partir da colonização, da desumanização, da negação e do apagamento. Para tal construção dialogamos com diversos autores e autoras que transitam pelo pensamento decolonial e intercultural latino-americano e caribenho, citamos alguns como Catherine Walsh, Aníbal Quijano, Walter D Mignolo, Silvia Cusicanqui, Nelson Maldonado-Torres, Santiago Castro Gomez, Ramon Grosfoguel, Vera Candau, Reinaldo Matias Fleuri, Maria Antonieta Antonacci, Claudia Miranda...

Considerando que as empresas coloniais, no Brasil e na América Latina, foram se apoderando e encarcerando corpos e mentes, as terras e a natureza - nas suas dimensões animal, vegetal e mineral. Houve a apropriação pelos colonizadores europeus do que estava nas nossas Américas. Propomos pensar que vencedores e resistentes se colocaram em disputa. E esse jogo de resistência e opressão ainda se mantém a ideia de que poucos são humanos e muitos outros são inumanos, não cidadãos ou subcidadãos como defendido por Jessé de Souza (2018).

Os impérios coloniais europeus constituíram possessões e nas suas diversas formas foram construindo e instalando um padrão de poder com base em princípios da colonialidade moderna. Não foi pautado numa relação formal entre povos ou nações, e sim numa forma em que o trabalho, o conhecimento, a autoridade, e as relações intersubjetivas se articulam entre si por meio do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Para tal, tudo foi sendo assentado e construído em cima de uma ideia de raça e racialização dos povos e dos sujeitos.

Os colonizadores se preocuparam em destruir imaginários, em invisibilizar e tornar os grupos sociais não europeus em subalternizados para que assim pudessem afirmar seu imaginário e poder colonizador. Assim, foram praticando usurpações: dos territórios, usurpações econômicas, usurpações ideológicas, usurpações de saberes e memórias. Para tal propósito, utilizaram múltiplas estratégias para naturalizar e internalizar um pensamento único, uma história única racional, moderna, cristã, heterossexual e eurocêntrica. A imposição do pensamento racional eurocêntrico se colocou como emblema da modernidade, calcando-se na racialização e despojamento dos saberes intelectuais como sustentáculo do poder de padrão material e intersubjetivo.

As noções europeias de sexualidade, epistemologia e espiritualidade foram transpostas para os mundos não europeus. Desse modo, os povos não europeus passaram a ser racializados, classificados, patologizados de acordo com a hierarquia europeia, que definiu quais eram as raças inferiores e superiores (lembramos que nesta hierarquia, brancos são superiores, indígenas estão numa posição intermediária e negros são a camada inferior). Nesta hierarquização, os povos considerados inferiores poderiam ser submetidos, escravizados, torturados e até mesmo eliminados fisicamente sem o menor constrangimento caso não aceitassem e se submetessem ao modo de vida considerado superior, correto e modelo do que deveria ser o sujeito, leia-se europeu.

A colonização aconteceu e continua acontecendo em várias frentes, como autores e autoras com os quais temos dialogado têm chamado de colonialidade do poder, colonialidade do ser, do saber e da natureza.

Compreendemos com Aníbal Quijano (2009) e seus seguidores que a colonialidade vai além da colonização. A colonialidade do poder é compreendida como uma forma de classificação

social, tendo como base a hierarquia racial e sexual, distribuindo as identidades sociais em superiores e inferiores. Dessa forma, a raça assumiu papel central nesse processo. Para Catherine Walsh a raça a raça é adotada “como padrão de poder conflitivo e permanente que desde a colônia até hoje tem mantido uma escala de identidades sociais, com o branco masculino em cima, os índios e negros no final. Estas últimas como identidades homogêneas e negativas.” (2008, p.136)

Passamos agora a colonização do ser, que tenta capturar a forma como essa saga colonizadora se apresenta pela linguagem e na experiência vivida dos sujeitos. Citamos Nelson Maldonado-Torres (2007, p. 154), “La colonialidad del ser es una expression de las dinámicas que intentan crear una ruptura radical entre el orden del discurso y el decir de la subjetividad generosa, por lo cual representa el punto máximo de este intento.” Essa colonialidade do ser pressupõe a não existência dos sujeitos, a desqualificação de forma ampla de forma a sufocar outras possibilidades de existência. Esse processo de destruição dos povos, das comunidades foi construindo a noção de que são povos bárbaros. Assim, para os colonizadores as comunidades indígenas e negras são bárbaras, não modernas, não civilizadas.

Um outro aspecto da colonialidade é a colonialidade do saber, que evidencia-se especialmente nos sistemas educativos em todos os níveis e idades. Se pauta pelos conhecimentos e ciências da modernidade e racionalidade europocêntricas. Para compreendermos como ela se concretiza basta olharmos para a concepção e organização da produção histórica em nossos países a qual vem sendo calcada na ideia de uma história europeia na qual as histórias dos outros povos passam a existir após essa história, esse contato com a Europa. Dessa forma, se descarta a existência e viabilidade de outras racionalidades epistêmicas, os outros conhecimentos que não sejam os dos homens brancos europeus ou europeizados. Ocorre um racismo epistêmico relacionado à política e à sociedade o qual desconsidera e deslegitima a capacidade epistêmica de certos grupos e pessoas com a finalidade ora explícita, ora velada, de evitar reconhecê-los como seres inteiramente humanos. Aqui precisamos fazer nossa *mea culpa*, pois a universidade como espaço de formação privilegia de forma explícita a colonialidade dos saberes.

A próxima colonialidade é a da natureza. A natureza a partir dos colonizadores passa a ser pensada como algo que deve ser dominado, ser conquistado, deve estar a serviço do ser humano. Por isso se explora, por isso se destrói, se desmata. Como exemplo do resultado dessa dominação e desvinculação da natureza do humano, como resultado dessa história de morte de pensamento, de produção, de memória e de saberes. No romance Torto Arado (2019, p. 2) de Itamar Vieira Junior, a personagem Belonísia nos diz que:

Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolpar o buriti. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. Não aprendi uma linha do Hino Nacional, não me serviria, porque eu mesma não posso cantar. [só um parênteses, ela teve um acidente e perdeu parte da língua. Ela não fala, então ela não pode cantar, não serve]. Muitas crianças também não aprenderam, pude perceber, estavam com a cabeça na comida ou na diversão que estavam perdendo na beira do rio, para ouvir aquelas histórias fantasiosas e enfadonhas sobre os heróis bandeirantes, depois os militares, as heranças dos portugueses e outros assuntos que não nos diziam muita coisa.

O autor nos apresenta uma síntese grandiosa da história que temos até hoje em nosso país, em *nuestras Américas*, em nossas Áfricas, em nossas Ásias, em nossas Oceanias.

O que propõem esse grupo da epistemologia decolonial e da interculturalidade e ao qual nos integramos é a contraposição a este pensamento único, colonial, eurocêntrico, de morte, de apagamento, de desmemória e de tudo que explicitamos.

Pensamos que é necessário o respeito pela pluralidade de conhecimentos, a decolonização dos seres humanos ou a humanização de todos os humanos e não mais a desumanização de muitos. Formas de poder menos centralizadas, excludentes e opressoras. Maior respeito a natureza. Precisamos parar de reproduzir a forma epistemicida, ecocida e memoricida da atual estrutura de poder. Em síntese, é pensar contra o extermínio dos jovens negros, dos povos indígenas, de todos os que não estão na norma, os LGBTQA+ e todos os que não estão no modelo eurocêntrico de ser. Somos pela mudança de perspectiva nas práticas e formas de produzir conhecimento junto com os sujeitos colonizados, pensar com esses sujeitos e acima de tudo escutá-los.

Pensamos que a decolonialidade e a interculturalidade compõe um projeto de transformação sistemática global das pressuposições e implicações da modernidade. Para tal, assumimos a existência de uma variedade de sujeitos em diálogo, não falarmos sobre ou para, falarmos com esses sujeitos outros.

Catherine Walsh, nos instiga a pensarmos que a decolonialidade deve ser uma desaprendizagem do que foi imposto e assumido pela colonização, e a desumanização para que homens e mulheres reaprendam a ser sujeitos de si. Precisamos desaprender essas histórias, essas memórias, esses patrimônios que nos impuseram como os únicos válidos. Para a autora precisamos pensar uma educação política para desvelar mentes, e permitir o nascimento de sua inteligência ou como disse Aimé Césaire inventar almas. Desaprender como um processo de ação pedagógico para

a transformação social e um caminho possível para a construção de um outro mundo, com outras histórias, com outras memórias, com outros saberes e pensares.

Propomos pensarmos de forma decolonial e intercultural para uma educação e produção de conhecimentos outras com experiências outras, des europeizando a história única, olharmos para outras histórias, para nossas experiências educativas e produtivas. Pensarmos as nossas atividades de extensão como construção de diálogos com múltiplos sujeitos em pé de igualdade de saberes, descermos da nossa arrogância acadêmica de que vamos ouvir ou vamos dar voz aos sujeitos. Os sujeitos gritam, são mais de quinhentos anos que eles gritam e a academia, com raras exceções, faz ouvidos moucos o tempo todo, não quer ouvir esses sujeitos que gritam. E aí ouvir em pé de igualdade, descer do nosso salto acadêmico.

Neste âmagô, o dossiê ora apresentado provoca e mostra lugares e espaços de visibilidade em que a colonialidade do “poder, ser e saber”, possam ser e estar presentes. Neste sentido, o dossiê contemplou um diálogo decolonial e intercultural em diferentes espaços e epistemes, conforme seguem os artigos e uma entrevista.

No artigo *América Latina en la Geopolítica del Conocimiento. Una reflexión contra-hegemónica y decolonial*, Fernando Estenssoro e Cristian Lorenzo, defendem que o centro/ Norte global tem exercido historicamente uma geopolítica do conhecimento e do poder por meio do qual tem mantido sua hegemonia intelectual sobre a periferia. Esta hegemonia se manifesta pelo controle de ranques e índices de cientificidade da produção científico-acadêmica aceitos e assimilados na periferia. De igual forma, assinalam que existe uma rica e diversa tradição latino-americana de produção de pensamento próprio, invisibilizada pelo centro. Para os autores esta produção de conhecimento próprio tem uma importante clivagem identitária, defendem que é possível falar de uma geopolítica do conhecimento latino-americana contra-hegemônica.

Pedagogias decoloniais no Brasil: um estudo sobre o Estado da Arte de Luiz Fernandes de Oliveira e Adelia Maria Miglievich Ribeiro apresenta um panorama sobre o Estado da Arte em Pedagogias Decoloniais no Brasil no campo da educação. Trata-se de um mapeamento da produção acadêmica brasileira, materializada em dissertações de mestrado e teses de doutorado de programas de pós-graduação em Educação, artigos científicos das revistas de pós-graduação em educação, textos na íntegra nos anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação e do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, tomando como delimitação temporal o período entre 2001 e 2020.

O pensamento de Aníbal Quijano e Enrique Dussel: crítica à Modernidade como aporte decolonial de Bernard Guedes Dariva, Cláudia Battestin, Bruno Huffel de Lima, visa apresentar pontos

argumentativos a respeito das teorias críticas à Modernidade em Aníbal Quijano e Enrique Dussel. Para os autores e a autora, os autores em estudo propõem o reconhecimento dos saberes silenciados, invisibilizados e excluídos, enquanto possibilidades existenciais na constituição de identidades e subjetividades outras. Nesses movimentos de (re)existência, surgem os pressupostos dos pensamentos decolonial como projeto teórico, político, ontológico e epistemológico na busca pelos saberes subalternizados como forma de contraposição à racionalidade moderna e suas violências.

Em *Currículo intercultural e decolonial no cenário do ensino superior brasileiro e latino-americano*, Sidinei Pithan da Silva, Vânia Lisa Fischer Cossetin e Ivo dos Santos Canabarro, apresentam uma forma de pensar e desenvolver uma perspectiva de currículo que considera a interculturalidade e a decolonialidade no ensino superior brasileiro e latino americano, narram e refletem sobre uma experiência pedagógica vivificada em um curso superior de medicina. Colocam em destaque um sentido de universidade que assume como proposta uma reflexão radical acerca do conhecimento, questionando os modos de colonialismo e eurocentrismo presentes na sociedade possibilitando instaurar sentidos humanizantes, marcas de uma nova postura crítica que pode florescer no âmbito da formação em saúde.

Em *Decolonialidade, ensino de história e educação das relações étnico-raciais*, artigo de Andréia Teixeira dos Santos e Marizete Lucini apresentam, a decolonialidade como uma importante expertise epistemológica para trabalhar a Educação das Relações Étnico-Raciais dentro de uma perspectiva antirracista. Consideram que o Ensino de História, ao se utilizar de um referencial eurocentrado em suas práticas pedagógicas, influencia na internalização de um padrão brancocêntrico e hierarquizado por parte dos estudantes, dificultando assim, a identificação de crianças e jovens negros com a sua cor. Diante disso, observam a necessidade de revisão de narrativas e do repensar de estratégias e práticas pedagógicas que possam superar os padrões colonizadores permitindo aos estudantes o reconhecimento da diversidade cultural e étnica brasileira de forma positiva. Defendem que, o pensamento decolonial é um importante aporte teórico-metodológico para possibilitar a problematização das estruturas racistas cristalizadas na sociedade, e o reconhecimento de múltiplas formas de ser, pensar e produzir conhecimento.

Teatro negro e atitude: a descolonização do corpo em performance, de autoria de Lana Mara de Castro Siman, Camila Cristian Contão e Débora Maria de Souza Lana, tem como foco o Teatro Negro e Atitude (TNA), presente na cena teatral de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil desde 1993. Busca compreender e interpretar como, por meio do teatro, jovens negros se engajaram nas lutas de

ressignificação de suas existências e da descolonização de seus corpos, marcados pelo projeto de colonização e decolonialidade dos negros em movimentos diaspóricos.

Em *Escola sem partido e raça: uma educação para a colonialidade?* Caio Garcia, Caroline Maciel e Pedro Teixeira, destacam o avanço do conservadorismo sobre diferentes esferas da sociedade brasileira. Para eles no campo educacional, esse avanço pode ser visto na atuação do movimento Escola sem Partido (ESP) em disputas sobre currículos, políticas e práticas escolares reforçando concepções de educação autoritárias, discriminatórias e alinhadas à colonialidade. Identificam e analisam as características da colonialidade em pautas defendidas pelo movimento Escola sem Partido no que se refere às relações étnico-raciais sinalizando que há um impedimento às práticas pedagógicas e currículos interculturais e decoloniais na educação.

Desejo de brancura, insurgência e controle da narrativa: Fotografia Preta na pesquisa em educação de Alisson Ferreira Batista e Carla Beatriz Meinerz com base no termo *Fotografia Preta*, definido como método de produção de dados e conteúdo educativo na formação docente. O texto visa promover uma interação dialógica por meio da fotografia, no intuito de debater o desejo de brancura em sociedades colonizadas e racializadas. Para os autores, a *fotografia preta*, uma imagem desestabilizadora, pode gerar reflexão acerca da negritude, seja pela afirmação da própria identidade negra, como pela constatação dos abismos que, historicamente erodidos, distanciam-na do desejado e defeituoso mundo branco.

Decolonialidade e antirracismo na formação de professoras/es: práticas de resistência negra de Patrícia Magalhães Pinheiro e Josiane Beloni de Paula joga luz no imbricamento entre a colonialidade e o racismo, bem como, no entretecimento entre a decolonialidade e o antirracismo, com ênfase nas práticas de resistências negras, compreendidas como práxis insurgentes presentes tanto em marcos legais e jurídicos brasileiros, quanto desenvolvidas por professoras/es comprometidas/os com a transformação social por meio de uma educação intercultural crítica e na construção de uma sociedade fraterna, equânime e democrática. No texto privilegiam a escuta das narrativas, vozes, memórias e experiências de professoras/es comprometidas/os com a luta antirracista e decolonial, bem como, teóricas/os terceiro-mundistas, em especial autoras/es negras/os e indígenas. Demarcando assim, posição teórico-metodológica e política ao escolher vozes que não se silenciam, que falam, que gritam junto conosco contra as injustiças da Colonialidade/Modernidade!

Narrativas e memórias de auxiliares de serviços gerais escolares na busca de relações outras de Maria Cecília Paladini Piazza e Elison Antonio Paim propõe-se produzir conhecimentos a partir do diálogo com as narrativas e memórias de quatro mulheres auxiliares de serviços gerais de uma escola estadual no município de Araranguá, Santa Catarina. Como objetivo, defendem a potência das mônadas para revelar uma singularidade das experiências das auxiliares de serviços gerais, articulando suas individualidades com a dimensão universal. Procuram reconhecer as auxiliares de serviços gerais enquanto sujeitos que participam efetivamente do ensino em espaços informais da

escola, consideramos que é possível construir histórias outras que se contrastam à colonialidade do ser, do poder e do saber.

Possibilidades descoloniais nos currículos de licenciatura: a temática indígena na universidade de Maria Aparecida Bergamaschi, Edwin Alexander Canon-Buitrago e Gabriela Metz Schmidt visa compreender as presenças e as ausências de saberes e conhecimentos indígenas nos currículos de algumas licenciaturas de uma universidade pública brasileira, bem como refletir acerca das possibilidades descoloniais que os estudos sobre e com os povos indígenas proporcionam para a academia. Trata-se de um relato de pesquisa com oito licenciaturas que contam com a presença de estudantes indígenas desde 2008, a partir de uma política afirmativa da universidade para ingresso e permanência deles. Os autores apontam uma presença limitada do tema, sobressaindo nos currículos uma perspectiva eurocêntrica. Ao mesmo tempo mostram a necessidade de ações para interculturalizar o ensino superior e construir caminhos descoloniais.

Povos indígenas e natureza contra a pandemia: algumas possibilidades factíveis de Maira Cristina Chena de Almeida e Clovis Antonio Brighenti destaca que a pandemia da covid-19 vem assolando o mundo e afetando de muitas formas os diferentes grupos sociais. Os povos indígenas vêm enfrentando uma luta dobrada nesse cenário, pois a pandemia foi o momento utilizado pelo governo brasileiro para propagar sua política anti-indígena, genocida e racista. A partir desse contexto, o artigo analisa o enfrentamento da pandemia da Covid-19 pelos povos indígenas tendo na relação com a natureza sua principal força.

Uma fenomenologia da terra: imagens do campo em Deus e o Diabo na terra do sol de Avelino Aldo de Lima Neto, Maria Clara do Nascimento e Larissa Maia de Souza descreve os sentidos provenientes das imagens do campo no filme Deus e o Diabo na Terra do Sol, de Glauber Rocha. Para tanto, delineou-se uma articulação entre estética e política por meio do referencial teórico-metodológico baseado na fenomenologia de Merleau-Ponty e do campo como espaço e operador teórico medular do filme em análise. Destacam como resultado, a descrição da *terra* como categoria política e experiência estética que remete o homem à imanência da história.

O ainda não-colonizado como referência diversa ao relacionamento moderno com a terra de Thiago Rodrigues Gonçalves, expõe que em contrário ao avanço colonizador violento próprio da Modernidade permanecem modos e formas de existência que escapam ao desejo de controle experienciado como modo existencial e relacional pela humanidade moderna, compondo um conjunto amplo e complexo que denominamos como o que está, sob a perspectiva humana moderna, “ainda não-colonizado”. Ainda assim, tais modos e formas de existência divergentes ao projeto colonizador moderno compõem, mesmo com a forma hegemônica de humanidade, a

relação dialógica que funda e exprime a “arena cosmopolítica”, cujo reconhecimento propõe como possibilidade diversa ao modo de relacionamento moderno que a humanidade vem mantendo com a Terra e demais coexistências, inclusive indagando sobre a possibilidade da consideração – atenciosa e cuidadosa – de “geograficidades diversas” à hegemonia humana moderna.

Em *Entrevista realizada com Mário Mejía Huáman*, Francisco Gárate Vergara destaca aspectos da trajetória profissional e pessoal do entrevistado. Prof Mário é estudioso do idioma quéchua, nasceu em Cusco, andino e referencia mundial no pensamento andino. É professor da Universidade Ricardo Palma de Lima- Perú, Doutor em educação pela Universidad Nacional San Antonio Abad del Cusco e Doutor em Filosofia pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos de Lima, Perú. Professor Mário nos presenteia com uma entrevista que contribuirá muito para o pensamento latino-americano.

Agradecemos os autores (as) pela confiança e pelo envio dos artigos, ao leitor (a), fica o convite à leitura, ao contraponto, à interlocução.

Comissão Organizadora do Dossiê:

Dra. Cláudia Battestin
Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó -Brasil
E-mail: battestin@unochapeco.edu.br

Dr. Elison Antonio Paim
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC – Brasil
E-mail: elison0406@gmail.com

Dr. Francisco Gárate Vergara
Universidad de Las Américas – UDLA – Chile
E-mail: fgaratevergara@gmail.com

Referências

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In S. Castro-Gómez & R. Grosfoguel, **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global (pp. 127-167). Colombia: Siglo del Hombre Editores, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra -Portugal: Almedina, 2009, p. 74-117.

SOUZA, Jessé. **Subcidadania Brasileira**: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: LEYA, 2018.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2018.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político-epistémicas de refundar el Estado. In: **Tábula Rasa**. Bogotá - Colômbia, No.9: 131-152, julio - diciembre 2008.